

PANDEMIA E SACRIFÍCIO

Thiago Canettieri⁴⁰

RESUMO

O artigo é uma tentativa de interpretação do momento atual em que o mundo atravessa a Pandemia de COVID-19. A chave interpretativa construída pelo autor baseia-se na leitura benjaminiana que entende o *capitalismo como religião*, para pensar o caráter sacrificial da sociedade pandêmica. Ao final, o autor apresenta um prognóstico das formas de gestão da sociedade infecciosa que vem sendo gestadas durante este período que, na perspectiva do autor, intensificam as saídas autoritárias, conservadoras e violentas que são inerentes ao funcionamento normal do capital.

ABSTRACT

The article is an attempt to interpret the current moment in which the world is going through the COVID-19 Pandemic. The interpretive key built by the author is based on the Benjaminian reading that understands *capitalism as a religion*, to think about the sacrificial character of the pandemic society. At the end, the author presents a prognosis of the forms of management of the infectious society that has been managed during this period that, from the author's perspective, intensify the authoritarian, conservative and violent outcomes that are inherent to the normal functioning of capital.

⁴⁰ Pesquisador de Pós-Doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG. Doutor em Geografia pela UFMG. Professor do departamento de Urbanismo da UFMG.

INTRODUÇÃO

Ao primeiro sinal de interrupção das veias que alimentam a acumulação de capital, os acólitos desta forma vampiresca se colocam de pronto para clamar por salvação. Esse salvamento só é possível na medida em que se convoca uma *mobilização total* (Jünger, 2002) da sociedade para retomarem a *normalidade* – ou seja, a exploração de força de trabalho e da natureza. Todos os esforços de uma sociedade são direcionados para o resgate da economia, como se alguma redenção divina pudesse advir desse resgate desesperado. É exatamente nesse momento que passa a ser impossível deixar de notar o caráter sacrificial da sociedade moderna produtora de mercadoria (Kurz, 2014 [2012]).

Se até Deus exigiu o sacrifício de Isaque, filho de Abraão, é compreensível o chamamento do nosso *deus secularizado na forma de dinheiro para cumprirmos o dever sacrificial do trabalho*. Entretanto, há uma diferença primordial: o deus-dinheiro está disposto a levar o sacrifício até as últimas consequências.

O indulto que autorizaria a falar de um nexos entre capitalismo e religião, desenvolvido por Walter Benjamin

(2011) num fragmento de poucas páginas intitulada de *Kapitalismus als Religion*, é a irracionalidade interna do capital que só pode se sustentar se apoiado num caráter mistificado da relação social. Como não passou despercebido aos olhos de Benjamin, o capitalismo é uma religião de puro culto – não há nenhuma dogmática ou teologia. É um culto permanente que cujo único objetivo da liturgia é acumular mais dinheiro. São as asseclas do capital que insistem em dizer o quanto que sua interpretação dos fatos objetivos da realidade material é precisa – qualquer crítica é despachada como um idealismo ingênuo. Com esse discurso pretensamente materialista, passam àqueles que escutam algum sinal de seriedade. Não é exatamente isso que ocorre durante a pandemia de COVID-19 que assola o mundo? De consultores do FMI a empresários bem-sucedidos, passando inclusive por presidentes: todos acham que soam sério quando dizem que as mortes causadas pela doença são ruins, é claro, mas a *economia não pode parar*. Este discurso pretensamente objetivo confirma o realismo capitalista que vivemos (Fisher, 2009). Nesse sentido, ocorre uma inversão na dialética do mito-esclarecimento: “a suprema mistificação

faz-se passar pela desmistificação mais esclarecida” (Kurz, 2014 [2012]: 353). Essa forma de percepção da realidade, que confunde materialidade com as formas mistificadas de relação social imposta pela mediação social do fetichismo não dá um passo sequer para fora do reino religioso, mas, ao contrário do que se espera, revela que no âmago da razão econômica se resume a uma barbárie arcaica e mítica.

Segundo Zentner (2015) durante a Peste Negra os cultos católicos não foram interrompidos. Ao contrário, se intensificaram, como uma forma de efetivamente atender as demandas religiosas da população cristã europeia diante de um verdadeiro inferno na Terra. Isso ocasionou a morte de mais da metade do clero diocesano. Nem mesmo uma pandemia interrompeu as atividades da Igreja que organizava boa parte da vida social cotidiana europeia em meados do século XIV. Parece que para muitos a pandemia de COVID-19 não é um motivo para interromper as atividades econômicas. *Mutatis mutandis*, o culto deve continuar. Agora não mais religioso, mas propriamente econômico, sustentando a irracionalidade de uma acumulação *ad infinitum* num mundo finito. O que permite o movimento ininterrupto da

acumulação continuar – e a produção de discursos que o legitimam – são, de um lado, o fetiche da mercadoria, que transformou a percepção das relações sociais entre humanos como se fossem relações entre coisas e, de outro, a monolítica doutrina do trabalho que com frequência é invocada como uma boa razão para alguma desgraça.

Neste breve ensaio, busco refletir sobre o caráter sacrificial da economia capitalista que se revela diante do eminente colapso econômico imposto pela pandemia. Para isso, irei, num primeiro momento, encaminhar-me numa reflexão sobre as *origens capitalistas da pandemia* para, em seguida, apresentar algumas consequências da racionalidade abstrata do capital imposta neste momento e, assim, traçar algumas conclusões sobre as formas sociais do capital em tempos de pandemia, bem como especular sobre as suas possibilidades de continuação.

AS ORIGENS CAPITALISTAS DAS PANDEMIAS

Uma pandemia não é apenas uma enorme coleção de patógenos, mas uma forma determinada de relação social. A acumulação interminável do capital, em seu movimento tautológico, produz as

condições para o agravamento de pandemias planetarizadas como a causada pelo novo coronavírus.

Uma vez que a lógica da valorização do valor se estende, os impactos nos regimes climáticos e no mundo microbiológico tendem a aumentar. É possível rastrear essa conexão desde o século XIX, como faz Robert Wallace (2016).

Assim, segundo o biólogo, pandemias virais como a atual, ocasionada pelo vírus SARS-COV-2, são resultado da dupla pressão capitalista que exerce sobre o metabolismo sicionatural da Terra. Uma de natureza extensiva, que coloca populações humanas em contato com cepas de doenças isoladas. Outra de natureza intensiva, na qual a produção capitalista do alimento e de outras mercadorias aglomera animais na escala dos milhões em condições que favorecem a transferência zoonótica e removem qualquer obstáculo imunológico que poderia retardar a transmissão de novos patógenos.

Conforme desenvolve o autor, os contatos intensificados pela lógica da acumulação aumentam a variação genética de cepas de vírus, podendo evoluir características específicas para a

infecção em seres humanos. Ao mesmo tempo, a enorme variedade de ambientes socioecológicos que o vírus entra em contato, como condições de habitabilidade e de trabalho precárias, bem como uma população desassistida em relações a recursos de higiene e de saúde, muita das vezes cercada de comorbidade agravam as doenças causadas por esses vírus e, mesmo não sendo as cepas mais virulentas, ocasionam milhões de mortes e desestruturam a economia.

Por fim, deve ser destacado que hoje, com a cadeia planetária de circulação de mercadorias pelo mercado mundial, impulsionada pela mão invisível do mercado, garantem a circulação por todo o mundo destes novos patógenos. Essa geografia econômica da produção de mercadorias é, lembra Wallace, homologa a geografia pandêmica.

O resultado dessa interação entre vírus e mercadoria é uma espécie de “seleção crescente por meio da qual o vírus apresenta um número maior de caminhos evolutivos em um tempo mais curto, permitindo que as variantes mais bem adaptadas superem as demais” (Chuang, 2020). E, dessa forma, estão colocadas as condições para uma pandemia.

Claro que há uma tentativa esdrúxula de “culturalizar” a origem das pandemias, culpando hábitos do extremo oriente. De fato, foram de lá que surgiram as últimas epidemias (H5N1, H1N1, Sars, entre outras). Contudo, as explicações sobre as origens das epidemias não são culturais e o argumento só se sustenta sobre uma argamassa xenófoba. A questão é a economia, estúpido! O leste da Ásia é onde hoje se concentram os polos de produção global e de emprego industrial de massa. É sob essas condições da dupla pressão capitalista que, como dito, favorecem a transferência zoonótica. Isso é claro quando se compara a origem de outras epidemias em outros momentos: coincidem, assim como agora, com os polos industriais. Por exemplo, a Inglaterra do século XVIII foi assolada por três epidemias diferentes: os laticínios de Londres, organizados já na lógica industrial, passaram a concentrar gado e a estocar seus derivados de novas maneiras, mais eficientes, que proporcionaram ambientes ideais para a intensificação do vírus (Chuang, 2020).

Mantendo os imperativos da acumulação de capital, tais crises só se tornarão mais comuns. O cenário, ao menos desde 2005, depois da gripe

aviária e o primeiro surto de SARS, é uma mistura paradoxal: existe um consenso que outras pandemias irão surgir, mas não sabemos se serão mais brandas ou mais intensas nem quando irão assolar novamente. Essa dúvida pareceu ser suficiente para nada ser feito e continuar com os mesmos critérios de produção de mercadorias. Ao que tudo indica, depois da pandemia de COVID-19, o mundo anseia por retornar uma desejada normalidade mesmo diante da indeterminação do futuro.

O CARÁTER SACRIFICIAL DO CAPITAL

No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus constituía uma *Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional* – o mais alto nível de alerta da organização. Desde essa declaração pouco ou quase nada mudou na dinâmica de circulação de pessoas e mercadorias. Provavelmente ninguém levou a catástrofe que se avizinhava sério o suficiente e, portanto, nenhuma medida efetiva foi adotada preventivamente. Os países do mundo esperaram, incrédulos, quanto a gravidade da nova doença.

Tomaram tal medida pois seria *injustificada* a redução (a interrupção total é inconcebível) da circulação de mercadorias do mercado mundial. Dobraram a aposta.

Talvez o melhor exemplo dessa racionalidade de cassino – própria do capitalismo em fim de linha – tenha sido Giuseppe Sala, prefeito de Milão. No dia 26 de fevereiro, quando a Lombardia, tinha menos de 300 infectados e toda a Itália contabilizava 12 mortes, lançou uma campanha publicitária com o lema “Milão não para”. Evidentemente, sua intenção era manter o comércio funcionando, as pessoas trabalhando, o consumo acontecendo. Com a arrogância típica da gestão de populações, foi chamado pela manutenção da normalidade – mesmo quando todas as evidências epidemiológicas apontavam o contrário. Após um mês, a Lombardia é a região da Itália mais atingida pelo COVID-19, registrando 37.289 casos e com 5.402 óbitos. Em abril, às vésperas de completar dois meses da campanha – admitida pelo prefeito como um erro -, a Itália conta com quase 200 mil infectados e acumula mais de 25 mil mortos. Milão, Itália e toda a Europa tiveram que *parar*.

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS

como uma pandemia e os protocolos de segurança se tornaram mais rígidos. As atividades econômicas cessaram e o isolamento social teve que ser uma realidade. Num mesmo golpe, os economistas de plantão anteciparam os *forecasts* para o ano de 2020 indicando uma enorme crise por este *congelamento desesperado*. A economia iria sofrer. Sofrer mais do que o esperado.

Não é surpresa que nessas condições apareceram os acólitos do deus-dinheiro. Dan Patrick, vice-governador do Texas, exigiu que todos devem estar dispostos a fazer sacrifícios. Ele mesmo, um senhor de setenta anos, estaria disposto a dar sua vida para a economia. Trump está empenhado em *reabrir o país para os negócios*. Alexander Dibelius, investidor do Goldman Sachs afirmou: “É melhor uma gripe do que uma economia estancada”. Nosso representante também teve seu lugar na coleção de bravatas, afirmando que a “economia não pode parar por coronavírus”. Sua fixação está em clamar por uma normalidade que já ruiu e apenas existe nas fantasias dos endinheirados (Konicz, 2020).

Ao mesmo tempo, já se vê em todo o mundo manifestações mais ou menos amplas da população também se colocando na fila escarlate para o

sacrifício. Vale dizer que muito provavelmente essas manifestações começaram por aqui, no Brasil, com sátiras de manifestantes carregando caixões “de brincadeira” e promovendo buzinaços em frente ao hospital. Nos Estados Unidos, numa dessas manifestações, uma mulher segura um cartaz com um chamado explícito: “Sacrifice the weak, reopen Tennessee”. Uma das cenas mais aterradoras é a abertura de um shopping center na cidade de Blumenau ao som de um saxofone e palmas dos funcionários. Palmas para aqueles dispostos ao sacrifício. O mais novo ritual tem sido os empresários colocarem seus funcionários *ajoelhados* para pressionarem os governantes mais sensatos a autorizarem a abertura das lojas.

É nesse discurso que se escancara o diagnóstico de Walter Benjamin. Em nome da acumulação está autorizado a ininterrupção das atividades produtivas. Contrariando os protocolos científicos para contenção da doença, há uma crença *religiosa* no capitalismo. Como descreveu Walter Benjamin, “o capitalismo serve essencialmente à satisfação das mesmas preocupações, tormentos e inquietudes aos quais outrora davam resposta as chamadas

religiões”. A pandemia do COVID-19 é o paroxismo do capitalismo como religião que revela seu conteúdo sacrificial.

COLABORAÇÃO AUTOSACRIFICIAL NO BRASIL

Há lugares que insistem manter a normalidade em uma situação de pandemia. Um destes representantes – segundo uma reportagem do Washington Post, o pior – é o Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro. O Brasil teve a primeira confirmação de COVID-19 no final do mês de fevereiro. Por iniciativa de prefeitos e governadores, já na segunda semana de março algumas das principais capitais do país já praticavam o isolamento social, o que pode ter surtido um efeito no controle da pandemia. Contudo, nas declarações de Jair Bolsonaro, há uma minimização da pandemia e um recorrente chamado para que todos voltem ao trabalho.

Não deve soar como nenhuma estranheza quando um presidente como Jair Bolsonaro insiste, ao contrário das recomendações médicas e das análises científicas, para a população retomar o trabalho. Seu brado é acompanhado da cantilena dos empresários. Em suas redes sociais e nos pronunciamentos feitos,

dizem que se passou o tempo de isolamento social. *O país precisa voltar a TRABALHAR*. Para os portadores das máscaras de caráter do capital, a situação de um isolamento social que impede o fluxo normal de mercadorias – de trabalho e de consumo – é, com certeza, mais assustador do que as projeções de centenas de milhares de mortos pela nova doença.

Enfrentamos algo sem precedentes. Um vírus altamente contagioso e que, embora não seja tão letal, pode gerar mortes aos milhares devido a pressão imposta no combalido sistema de saúde pública (e até mesmo o privado). Esse chamamento ao povo brasileiro, feito por Jair, foi acompanhado de uma série de empreendedores brasileiros, donos de negócios, que não possuem outra opção para manter suas riquezas que não seja a exploração da mão de obra de outrem.

Que venham trabalhar! A economia não pode parar! O que será cinco ou sete mil mortos diante dessa crise econômica – bradam pelas redes sociais estes pobres diabos enricados⁴¹. Seis meses depois da previsão otimista

do empresário, o Brasil acumula aproximadamente 155 mil mortes.

Entretanto, mais curioso do que o presidente e empresários chamando a população ao sacrifício são aqueles que se dispõem, de pronto, a atender ao chamado. Não é possível compreender tal situação sem recorrer a ideia de uma adesão positiva ao fim por parte destes: Pisar com força no acelerador – com todo o vapor, rumo ao colapso (Kurz, 1995). Essa *razão apocalíptica* foi investigada por Catalani (2019) que pôde perceber como esse novo governo reacionário e conservador se tornou, neste mundo invertido, o progressista: pois querem adiantar o futuro, o que significa ser apocalíptico.

Essa é a razão apocalíptica que rege nosso colapso viral contemporâneo. Assim, repercute em todo canto a ladainha dos ansiosos por trabalhar – reocupando com o próprio corpo, a despeito de uma pandemia, os espaços da valorização do valor anêmico. Não raro essa atitude é acompanhada de bravatas sobre a *coragem* ou alguma minimização da situação com teorias conspiratórias.

Entretanto, é preciso destacar que há urgência por parte de muitos em

⁴¹ Por meio de sua conta de Instagram, o empresário Junior Durski, criticou as medidas restritivas. No dia 23 de março, ele disse: “O Brasil não pode parar dessa maneira. Tem que ter trabalho, as pessoas têm que produzir, tem que trabalhar. Agora vão morrer 5.000 pessoas por coronavírus que nós não podemos evitar. Não tem como fechar tudo, se esconder do inimigo e não trabalhar”.

retomar o trabalho, pois este é o único meio de reproduzir materialmente a própria vida. O capitalismo transformou todos em sujeitos monetários, o que significa que sua existência está condicionada a sua capacidade de serem solváveis no mercado. Se não trabalham, não comem. Isso já deveria ser suficiente por si só para compreender a emergência da pandemia num contexto de capitalismo de crise. Contudo, outras formas de respostas não sacrificiais poderiam ser mobilizadas, mas passam intocadas para a vida nessa forma social viciada em trabalho.

O culto do capitalismo é sustentado pelo trabalho. Por isso o chamamento de Messias ao povo brasileiro para que se trabalhe e a resposta imediata de tantos, dispostos a se colocarem no meio da pandemia para trabalharem, é por uma “boa razão”⁴².

Desta forma, o trabalho que arvorou como princípio de mediação social pode sempre, em seu nome, valorizar uma desgraça – escreve Paulo Arantes (2014): “este é o segredo de toda colaboração”. Portanto, a ideia de *colaboração* é central. Este termo foi utilizado várias vezes por Primo Levi

(2002) para descrever a ambígua situação degradante que os judeus estavam submetidos nos campos de concentração. Os nazistas recrutavam entre os próprios prisioneiros aqueles que iriam executar o trabalho sujo. O que é preciso notar é que a categoria moral da escolha falha em captar a especificidade do mundo balizado pelo terror. A mesma forma de colaboração aparece, como demonstra Mbembe (2018), nas plantocracias escravagistas.

É da natureza do sacrifício aparecer como uma colaboração. Todavia, o sacrifício da labuta diária já existia, mas era impedido de ser nomeado como tal. Agora, as coisas ficam às claras: é preciso se submeter a uma pandemia em nome de gerar mais dinheiro.

Talvez a imagem que melhor sintetize essa situação seja a famosa novela *A metamorfose*, de Kafka (1997). Parece que ocupamos a posição de Gregor Sansa: mesmo depois de constatar objetivamente que tinha se transformado em um inseto asqueroso, sua primeira preocupação foi a de que se atrasaria para o trabalho. O grau de envolvimento com essa esfera de

⁴² Vale ter em conta o seguinte comentário de Hegel (2018 [1817]), em sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: “Em nossa época, rica em reflexão e raciocínio, jamais alguém conseguiu chegar longe sem saber oferecer uma boa razão para tudo, mesmo a pior e mais errada das coisas. Tudo o que foi corrompido neste mundo foi corrompido por boas razões”.

dominação é tão grande que ela passa a fazer parte do próprio sujeito⁴³. Seja enfrentando uma pandemia virótica ou uma metamorfose em inseto, o trabalho parece ser nossa primeira preocupação.

NEGACIONISMO CÍNICO EM FIM DE LINHA

A pandemia parece ter colocado no horizonte, finalmente, o grau de decomposição que o capital – como princípio de mediação social – se encontra. Contudo, assim como El Cid, que foi colocado morto sobre o cavalo para lutar contra os exércitos invasores, seguimos um ídolo *morto*. Marx (2013) identificou, ainda na segunda metade do século XIX, a tendência à desubstancialização desta forma social. As anomias que surgem a partir daí só se tornaram visíveis em toda sua extensão, entretanto, a partir dos anos 1980 (Kurz, 1995).

Alguns dos que estavam cientes dessa dissolução não puderam fazer muita coisa diante do mundo que desaba. A relevância discursiva estava ainda entre aqueles que devem manter o semblante otimista mesmo diante da

catástrofe. Devem agir como os violinistas do Titanic, que seguem tocando uma suave música enquanto o navio vai à pique. É preciso, a todo custo, não abalar a crença na dança sacrificial do capital e, acotovelando-se, analistas de mercado, CEOs, microempresários e influenciadores digitais clamam por uma certa normalidade que deve seguir inabalável.

É por essa *fé na normalidade* que se sustenta o sacrifício. Qualquer um pode ver que enquanto uma parte da sociedade adota os protocolos de isolamento social, outra parte sai as ruas clamando por normalidade. No Brasil a situação é mais espalhafatosa: “é só uma gripezinha”, disse o presidente. Ou, na medida em que o sinal de alerta soou: “não podemos parar o país por conta de um vírus”. Ou, mais ainda, quando a situação saiu de controle e o número de mortos do Brasil ultrapassou o da China, epicentro da Pandemia, Jair disse “e daí?”.

Chamam aqueles que *negam* algum fato de negacionistas. Há os negacionistas climáticos e aqueles que promovem o negacionismo quanto ao holocausto. Mais um deste tipo parece

⁴³ Aqui, tomo como referência a leitura que Moishe Postone (2014 [1993]) faz d’*O Capital*. Para ele, Marx elabora uma crítica do trabalho, entendido como o próprio terreno por meio do qual se realiza a dominação social abstrata e impessoal do capital.

estar em gestão: o negacionismo pandêmico. Com isso, não levam a sério a gravidade da situação⁴⁴. E, uma vez que não a levam a sério podem continuar suas vidas normalmente numa clara operação de auto-sabotagem de ilusão fetichista (Žižek, 1996).

A meu ver, é fundamental compreender como esse mecanismo de enganação autoinduzida funciona. O primeiro passo, no entanto, é na verdade, uma *crítica da razão cínica*.

Acima de tudo esta postura é uma postura cínica. Ora, esses que vão protestar pedindo pela reabertura da economia de mercado não são meros negacionistas que “agem sem saber”. Eles sabem muito bem o que fazem, as consequências de seus discursos, no entanto, fingem que não sabem. Essa operação fetichista permite, portanto, num protesto pela reabertura da economia – que bradam pelo retorno da normalidade – estejam muitos utilizando máscaras – o que é não é nada normal. Essa cisão, contudo, não parece ser um problema para a razão cínica em momento de pandemia.

Essa ação parece ser possível pois estão todos orientados para um único fim: a incessável acumulação de dinheiro. É por isso que mesmo com uma crise econômica sem precedentes se formando no horizonte carregado de nuvens tempestuosas, muitos seguem praticando o ritual, não levando a sério a catástrofe eminente que se avizinha.

Fingir que ainda é possível acumular, fingir que ainda é possível uma normalidade já perdida é a condição necessária para o processo de acumulação continuar – ao menos a acumulação da forma conhecemos. Portanto, é exatamente que confrontado com essa sensação de fim de linha que a resposta subjetiva tem sido o negacionismo cínico: só assim é possível acumular um pouco mais.

Nesse processo, vence aquele que for até o fim – mesmo que o fim seja o próprio colapso total da sociedade. Por isso, todos seguem apostando – enquanto há tempo para isso. No *poker* quando alguém já não pode ganhar a jogada com nenhum jogo diz-se que está *draw dead*. Parece que, *against all the odds*, todos

⁴⁴ Tenho em mente aqui a anedota que Slavoj Žižek se refere com frequência. Em um determinado momento da Primeira Guerra Mundial, o front alemão envia uma mensagem informando que a situação por lá “era séria, mas não era catastrófica”. Em seguida, recebeu a resposta dos aliados austríacos afirmando que a situação deles era “catastrófica, mas não era séria”.

estão *draw dead* diante dessa pandemia e, ainda assim, continuam apostando

A GESTÃO SECURITÁRIA DE UMA SOCIEDADE INFECCIOSA

Como a crise secular do capitalismo se reveste de aparência não-econômica, novas epidemias, fomes, inundações e outros desastres "naturais" serão usados como justificativa para a extensão do controle autoritário sobre populações inteiras. As respostas a essas crises funcionarão cada vez mais como oportunidades de exercitar ferramentas novas e não testadas para a contra-insurgência. Medidas autoritárias e antidemocráticas poderão ser colocadas em prática sob aplausos desesperados pelo retorno da normalidade.

E obviamente essa forma social só foi possível na medida em que o Estado assumiu um papel de organizador deste *suicídio coletivo* – que Safatle (2020) chamou de *Estado suicidário*. Há uma violência de grau zero que organiza a vida social em seus próprios termos que se torna indelével deste momento. É por vir dessa origem que alguém pode convocar milhões ao sacrifício diante de uma pandemia e isso soar razoável para muitos ou, até desejável, no limite.

Não é cedo para começar a refletir sobre o que será o mundo *pós-pandêmico*, até porque é bem provável que, mantidas inalteradas a nossa forma predatória e sacrificial de reprodução social mediada pelo capital, pandemias mais virulentas tornem-se mais recorrentes. Desta maneira, acredito ser possível começar a pensar nos modelos de *gestão securitária de uma sociedade infecciosa*. Os Estados-Nacionais são colocados como instituições fundamentais para essa gestão, recuperando o paradigma xenófobo do *cada um por si*. As recentes notícias dos “saques” à equipamentos médicos e de proteção realizados pelos Estados Unidos é a pá de cal no sonho da “aldeia global” que já estava em estado terminal.

No plano nacional, os Estados se dividirão, como alertou premonitoriamente Mbembe (2020: 69) “*entre les pays prolifiques et les pays atteints d’un repli de vitalité*”.

Os primeiros adotarão o paradigma imunitário na administração do colapso viral por meio de estratégias que combinarão as soluções de mercado com medidas securitárias autoritárias de controle de populações. Como se observou na China, não seria nenhuma surpresa encontrarmos, nos próximos anos, o controle algorítmico das

populações na escala microbiológica, com autoridades sanitárias acompanhando dados fisiológicos georreferenciados de cada cidadão. A separação entre os “corpos saudáveis” e os “corpos virulentos” pode jogar gasolina na fogueira xenofóbica e eugenista fortalecendo os movimentos fascistas. Os países periféricos, afetados pelo declínio de vitalidade que Mbembe se refere, podem vivenciar uma verdadeira hecatombe viral. Uma vez que um novo pacto, como um *new deal sanitário*, está fora do horizonte, resta a esses países a administração do colapso que será acompanhado pela paralisação geral dessa sociedade, com o colapso das linhas de frente do combate ao vírus, como o sistema de saúde e o de abastecimento. Diante disso, poder-se-á ocorrer a ascensão de populistas ao poder que não medirão esforços para a adoção de um arsenal repressivo sobre a população, multiplicando os dispositivos de controle e penalização.

Ambas as situações caminharão na direção da implementação de uma *guerra contra o vírus* (os “líderes globais” com frequência se valem dessa metáfora para dizer da atual situação) que nada mais é do que mais um capítulo da guerra permanente que se tornou a sociedade em decadente, autorizando e

legitimando o uso de expedientes violentos para manter a acumulação acontecendo, mesmo que a beira do precipício. Deve-se notar a capacidade que, mesmo numa situação de exceção, o capitalismo mantém sua normalidade. Trata-se, como notou Mark Fisher (2009) de um *realismo capitalista* que se coloca como ordem natural do mundo.

Se por um lado há uma unidimensionalidade do mundo capturado nas garras deste realismo decadente – que se torna, cada vez menos realista, calcado em imagens espetaculares –, por outro há a disseminação da emergência como ordem imperativa que justifica as medidas (econômicas, securitárias, sanitárias, militares, etc.) adotadas como formas de escorar o colapso da sociedade. Talvez seja essa a *dialética de nosso tempo*: a contradição entre normalidade e emergência, entre regra e exceção – o que a *tradição dos oprimidos sempre soube*.

Essa situação de emergência tem, sobretudo, uma função “econômica”: a redefinição das margens do que é uma vida digna. Diga-se de passagem, as margens tornam-se cada vez mais comprimidas. Como notou Scholz (2020), uma medida como essa, de natureza sacrificial, diante da pandemia

nada mais é do que a autorização a sumária eliminação em nome da permanente acumulação de capital. O resultado dessa concepção implica milhares de indivíduos se tornarem sujeitos a inelutável eliminação – mas por uma *boa razão*. Trata-se de um mal necessário – tão evocado pelos economistas plantados nas emissoras televisivas. Um mal necessário para manter a acumulação acontecendo. E para este *mal necessário todos são convocados ao sacrifício*.

É como se ouvíssemos ecos das palavras da Peste, personagem da peça *Estado de Sítio* de que assume o governo de uma cidade. Em um determinado momento, a Peste diz:

O essencial não é que cada um deles compreenda, mas que *se execute*. [...] Primeiro a imagem da execução que é uma imagem emocionante. Depois, a ideia de que o executado colabora para a própria execução, o objetivo e a consolidação de todo bom governo (Camus, 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Paulo. (2014). O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era de emergência. São Paulo: Boitempo.
- BENJAMIN, Walter. (2011 [1921]). Capitalismo como religião. Revista Garrafa, v.23.
- CAMUS, Albert. (2018 [1948]). Estado de Sítio. São Paulo: Companhia das Letras.
- CATALANI, Felipe. (2019). A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa. Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/23/a-decisao-fascista-e-o-mito-da-regressao-o-brasil-a-luz-do-mundo-e-vice-versa/> Acessado em 10 de Abril de 2020.
- CHUANG, Coletivo. (2020). Contágio social: coronavírus, China, capitalismo tardio e o mundo natural. n-1 edições, Pandemia Crítica. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/022> Acessado em 23 de Abril de 2020.
- FISCHER, Mark. (2009). Capitalist realism: is there no alternative?. Nova York: Zero Books.
- HEGEL, Georg. (2018 [1817]) Enciclopédia das Ciências Filosóficas. São Paulo: Edições 70.
- JÜNGER, Ernst. (2002 [1930]). A mobilização total. Natureza humana, v.4, n.1.
- KAFKA, Franz. (1997 [1915]). A metamorfose. São Paulo: Companhia das Letras.
- KONICZ, Tomasz. (2020). Crise do coronavírus: o colapso iminente. Blog da Boitempo, disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/03/crise-do-coronavirus-o-colapso->

iminente/ Acessado em 01 de Maio de 2020.

KURZ, Robert. (1995). Com todo o vapor, rumo ao colapso. Juiz de Fora: Ed. UFJF.

KURZ, Robert. (2014 [2012]). Dinheiro sem valor. Lisboa: Antígona.

LEVI, Primo. (2002 [1986]). Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra.

MARX, Karl. (2013 [1867]). O capital. Livro I. São Paulo: Boitempo.

MBEMBE, Achille. (2018 [2013]). Crítica da razão negra. São Paulo: n-1.

MBEMBE, Achille. (2020). Brutalisme. Paris: La Découverte.

POSTONE, Moishe. (2014 [1993]). Tempo, trabalho e dominação social. São Paulo: Boitempo.

SAFATLE, Vladimir. (2020). Bem-vindo ao Estado suicidário. n-1 edições,

Pandemia Crítica. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/004> Acessado em 10 de Abril de 2020.

SCHOLZ, Roswhita. (2020). Coronavirus e o colapso da modernização. Exit! Disponível em: http://www.obecoonline.org/coronaviruss_e_o_colapso.htm?fbclid=IwAR3eb633nfcSA3drJTkfsJzCh_LZccCna6o1zXQhRN5IPZN0feUtgo_TnII Acessado em 10 de Abril de 2020.

WALLACE, Robert. (2016). Big farms make big flu: dispatches on infectious diseases, agribusiness, and the nature of science. New York: Monthly Review Press.

ZENTNER, McLaurine. (2015). The black death and its impact on the church and popular religion. (Tese) Oxford: University of Mississippi.

ZIZEK, Slavoj. (1996 [1994]). Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj. (org.). Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto.